



RESISTINDO PARA (RE) EXISTIR: SOBRE MEMÓRIAS E IDENTIDADES TRANS NAS EXPERIÊNCIAS E NARRATIVAS COM A ESCOLA

Bruno Rodrigues Ganem¹
Ivan Amaro²

PARA COMEÇAR: MEMÓRIAS E EXPERIÊNCIAS

Quando criança, as possibilidades de me transformar em outras eram sempre muito atrativas e, ao mesmo tempo, cheias de medo. Transgredir era audacioso: revelar aquilo que aos olhos dos outros parecia não fazer sentido. Encantavam-me as mulheres, seus corpos e seus trejeitos, elas pareciam estar em mim. Era na casa de vovó que o armário e as cortinas se abriam, em todos os sentidos, e o espetáculo tinha início. Ali com seus vestidos e colares eu existia para além, fugia deste mundo e me (re) conhecia; num primeiro ato de encenação de si mesmo. Um ensaio festivo de fantasia para uma estreia lotada de preconceitos. “Fale que nem um homem!” e “Você só brinca com meninas?” eram entreouvídos a toda hora. Como, àquela época, transcender as dinâmicas heteronormativas e inquestionáveis que protagonizavam meu dia a dia? Desde o núcleo familiar até a escola; uma “tecnologia dos gêneros”, formando e modelando corpos, atitudes e pensamentos.

Como professor em sala de aula na Educação Básica, percebo que a experiência vivida há 30 anos ainda persiste. Numa das escolas em que leciono tive a oportunidade de ser professor de uma aluna transexual. A princípio, fazendo uso de seu nome civil, essa aluna, que logo mais se apresentaria como Jéssica, em virtude também da forma como procurávamos lidar com ela naquele espaço e de uma maior sensibilidade de minha parte sobre tais questões, pareceu sentir-se mais confortável em assumir a performance que a permitisse, afinal, (re) existir ali.

Por diversas vezes, conversávamos, eu e ela, sobre ser “quem se quer ser” e eu a apoiava em suas decisões. E, mesmo enfrentando as muitas dificuldades que a escola impunha, Jéssica transgrediu os padrões normativos e transformou-se ali, *na/com* a escola. Jéssica corajosamente buscava representar-se com seu gênero e sua identidade. Mesmo sob o jugo de tantos olhares discriminatórios e violentos ela lutava por seu espaço. De presença marcante e marcada, ela constantemente precisava reafirmar-se como mulher entre ordens que não a compreendiam. Discursos de difamação que insistem em afirmar suas superioridades

¹Mestrando no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas (PPGECC) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro/Baixada Fluminense (UERJ/FEBF). Membro do Núcleo de Estudos Diferenças, Educação, Gênero e Sexualidades (NUDES). E-mail: ganenbruno@yahoo.com.br;

²Professor Orientador. Procientista FAPERJ/UERJ. Professor Adjunto da UERJ, na Faculdade de Educação da Baixada Fluminense- FEBF, Duque de Caxias-RJ. Professor e Coordenador do PPGECC (Mestrado) em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas. Professor da Graduação em Pedagogia da FEBF/UERJ. Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO). E-mail: ivanamaro.uerj@gmail.com



pela não aceitação do que parece não fazer parte, que não tem inteligibilidade (BUTLER, 2017) e que devem ser fixos. Uma docência falha, sem recursos pedagógicos que auxiliassem a relação com as livres expressões das identidades. Numa jornada bastante difícil, tamanha a dificuldade e preconceito, Jéssica foi embora sem concluir os estudos; uma negação de sua presença onde se potencializam as funções de controle (CÉSAR, 2004, p. 150-153) e governamento (VEIGA-NETO, 2007, p. 72) de corpos.

Assim, cada vez mais fortemente, as questões relacionadas às identidades dissidentes no dia a dia da escola se tornaram determinantes na minha prática educativa com meninos e meninas que transgridem seus gêneros na contra mão de práticas heteronormativas. Dessa forma, a pesquisa de Mestrado em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) de que trato nesse resumo quer analisar como as escolas produzem (ou não) a exclusão de alunos e alunas trans, gerando o afastamento que levaria à expulsão (BENTO, 2011). Como a escola se relaciona com essas identidades, uma vez que ao assumir o discurso da igualdade em suas práticas cotidianas pode levar ao apagamento delas e à produção de violências. Como se dão as narrativas de pessoas transexuais na relação com a escola? Como são suas experiências ali? Que memórias trazem essas identidades que, cerceadas em trânsito, por diversas vezes, também protagonizam um campo de disputas com possibilidades outras de enfrentamento, resistindo, (re) existindo e ressignificando suas lutas?

SOBRE TRANSITAR COM A PESQUISA PÓS-CRÍTICA: CONVERSANDO COM PESSOAS TRANS

Nossos caminhos, trilhas e trajetos perfazem a nossa história. Somos assim: às vezes acelerados numa estrada sem fim, algumas vezes em eternas curvas de nós mesmos, por outras perdidos em encruzilhadas, tantas vezes escondidos em trajetos à procura de nós. Quantas vezes não nos metodologizamos e tentamos, em vão, inaugurar roteiros mais palpáveis e reais... quando, quase sempre, nunca deixamos de estar em trânsito.

Sobre transitar com a pesquisa é, antes de tudo e a todo instante, tratar de conduzi-la e em trânsito, compreendê-la; ser com ela! Nesse sentido é “pedagógico porque se refere a um como fazer (...) trata-se de caminhos a percorrer, de percursos a trilhar, de trajetos a realizar” (MEYER, PARAÍSO, 2014). Mas também, de percursos realizados, trilhas percorridas e caminhos trilhados. É por esses lugares e passados vividos que a pesquisa pode ter nascido. Morando em nós desde há muito, ela nos faz caminhantes, ouvintes, partícipes e errantes. Somos, estamos e sempre estivemos em pesquisa. E se é assim, se a percebo e se a concebo assim, não há como não trazer por aqui um pouco do que fui e sou. A partir dessa perspectiva, o processo de construção metodológica se propõe a refletir, inicialmente sobre o meu lugar de fala nesta escrita *com* e não *sobre* as pessoas trans. Nesse sentido, foi preciso desnaturalizar concepções fixas e assumir-se em construção investigativa que se quer reinventar e ressignificar, dependendo dos “questionamentos que fazemos das interrogações que nos movem e dos problemas que formulamos”. (PARAÍSO, 2012).

Ao assumir a conversa como metodologia e possibilidade de pesquisa com os cotidianos das pessoas trans, quero “estranhar e interrogar o já conhecido, o dado por certo, o óbvio (...) experienciar o conversar também enquanto e quando pesquisamos” (RIBEIRO, SOUZA, SANCHES, 2018, p. 22) , buscando compartilhar trajetórias, experiências e “reflexões com quem se vai produzindo a pesquisa e que se tornam também narradoras e parceiras na pronúncia do mundo” (SERPA, 2018, p. 96).

Conversando também com os estudos *queer*, a metodologia se propõe a utilizar procedimentos que visam a desconstruir os objetos de análise, desnaturalizar as concepções

fixas sobre corpos e sujeitos, explicitar os modos pelos quais alguns corpos são produzidos como normais à custa da constituição de outros como anormais (MISKOLCI, 2007). Ao compreender esse processo como construção e investigação a partir das necessidades colocadas pela problemática de pesquisa e pelas perguntas formuladas, caracteriza-se, portanto, como uma pesquisa pós-crítica em educação (MEYER, PARAÍSO, 2012) e seus *saberes-fazer* na condução desses processos.

ENTRE NARRATIVAS E IDENTIDADES PARA RESISTIR

Butler (2003), uma das principais teóricas da questão contemporânea do feminismo, teoria *queer*, filosofia política e ética abalou o conceito de gênero no qual está baseada a teoria feminista. Para a autora, a divisão sexo/ gênero funciona como uma espécie de pilar fundacional da política feminista e parte da ideia de que o sexo é natural e o gênero é socialmente construído. Conectando à nossa prática escolar com o que trazemos nessa pesquisa, podemos nos recordar das interpelações às pessoas trans, tão corriqueiras na hora do recreio ou na sala de aula. Vozes dissonantes que violentamente querem impor suas superioridades e condenar à inexistência as identidades que não corroboram com a inteligibilidade dos corpos. Para Butler, no entanto, as identidades podem ser significadas e ressignificadas ao longo da vida. A respeito da interpelação e discursos de ódio que vão construindo as pessoas, ela defende uma ressignificação desses discursos que favorecem a heteronormatividade; discursos políticos que transformam e patologizam tudo aquilo que está fora da heterossexualidade. Como espaços que podem contribuir para uma segregação de todas as ordens, as escolas carecem de reconfigurações do currículo que inaugurem novas práticas, mais sensíveis e promotoras de equidade e respeito. No entanto,

a escola delimita espaços ; servindo-se de símbolos e códigos, ela afirma o que cada um pode (ou não pode) fazer, ela separa e institui, informa o lugar dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas, aponta aqueles que deverão ser modelos e permite que os sujeitos se reconheçam (ou não) nesses modelos. (LOURO, 2014, p.62)

E é nesse ambiente que corpos de todas as identidades de gênero e sexuais transitam e não têm garantidas suas livres expressões de diferenças e subjetividades. É preciso que cada vez mais nos perguntemos, então, como se produziram e se produzem as diferenças e que efeitos elas têm sobre os sujeitos (LOURO, 2014, p.61). Em que medida, os discursos que circulam no ambiente escolar promovem a exclusão, a vulnerabilidade e violências contra alunos e alunas transexuais?

Bento (2011, p.558) reitera que “pessoas transexuais e travestis são expulsas de casa, não conseguem estudar, não conseguem emprego, são excluídas de todos os campos sociais”. Ainda de acordo com a autora:

a natureza da violência que leva uma criança a deixar de frequentar a escola porque tem que trabalhar para ajudar a família não é da mesma ordem daquela que não consegue se concentrar nos conteúdos transmitidos porque é “diferente”. Daí a importância de pesquisas (com recortes de gênero e sexualidade) que demonstrem os encaixes dos indicadores de “sucesso” e “fracasso”, deslocando o olhar dos conteúdos visíveis para os invisíveis. (BENTO, 2011, p. 558)

Assim, cada vez mais, esse cenário assumiu espaço preponderante na minha prática fazendo emergir a necessidade de uma investigação mais aprofundada acerca do que eu escolheria como foco de abordagem: pessoas trans e sua relação com a escola, suas experiências, suas narrativas, suas memórias e, quem sabe, poder também aprender com suas

trajetórias, com aquilo que ficou para trás, que se perdeu com a opressão e com a violência (JESUS, 2016).

A transgeneridade na educação e as soluções impostas como forma de cercear o trânsito dessas identidades, provocando a expulsão e o afastamento, mas também inaugurando um campo de disputas protagonizado por essas vidas; com possibilidades outras de resistência e enfrentamento.

TRANSFORMANDO POSSIBILIDADES OUTRAS...

Desde o primeiro contato com as pessoas trans que participam desta pesquisa, procurei esclarecer de onde eu queria falar e porque eu acreditava ser esse um caminho que não desconsiderasse suas trajetórias, ou até as reconstruísse, a partir do meu olhar. É uma linha extremamente tênue na medida em que, ao conversarmos, é preciso atentar-se todo o tempo para a condução dessa conversa, se não está muito direcionada para um discurso que as subalternize ou, epistemologicamente, defina quem pode produzir o conhecimento verdadeiro. Ribeiro (2017) atenta para importância de se interromper com o regime de autorização discursiva em uma noção foucaultiana de discurso, ou seja, não compreender discurso como um conjunto de palavras ou frases à procura de um significado, mas como um sistema que determina o imaginário social com poder e controle. Assim, durante todo o tempo em que me ponho a escutar essas histórias, objetivo fazê-lo, é claro, de forma que o meu lugar- com minha vivência homossexual, cisgênera e branca-não invisibilize ainda mais a realidade de que trato sob uma ótica centrista de um conhecimento pautado no homem branco, europeu e masculino. É este o desafio!

Ao me pôr à escuta, percebendo as narrativas como não lineares e elaboradas no espaço de uma memória mais distante e até muitas vezes reconstrutora, na medida em que, enquanto narram, elas também podem estar se revendo, quero acima de tudo refutar uma voz única que as interprete, mas, principalmente, estabelecer uma coexistência de vozes. É preciso desconstruir a lógica de autorização do discurso hegemônico que parece desconhecer a diversidade num país excessivamente transfóbico e permitir sempre aos mesmos alcançarem espaços de poder e produção do conhecimento.

Desejo a partir dessa pesquisa desnaturalizar/combater/estranhar dinâmicas estruturais do preconceito praticado nas escolas que cotidianamente institucionalizam violências às vidas trans. Que experiências demarcam a trajetória de pessoas trans nos espaços de educação formal? Que lugares ocupam ali? Como podem existir para além da objetificação de seus corpos e o desrespeito a eles cotidianamente proferidos ou desferidos? Se vozes de pessoas trans não ocupam massivamente os lugares de poder não é porque não querem ou não estão capacitadas, mas exclusivamente por conta de um sistema de poder que é impeditivo dessa ascensão.

E se pudéssemos ascendê-las a partir da escola? E se nas escolas não as víssemos como diferentes na sala de aula? E se as compreendêssemos em suas identidades? E se na chamada falássemos seus nomes sociais? E se frequentassem os banheiros de acordo com suas escolhas? São questões e apontamentos a que essa pesquisa busca questionar, discutir e onde quer chegar.

RESISTINDO PARA (RE) EXISTIR: FINALIZAR, MAS NÃO CONCLUIR!

A partir de conversas realizadas com pessoas trans, a investigação em curso vem procurando problematizar e analisar as questões por que perpassam e/ou perpassaram travestis, mulheres transexuais e homens trans em seus cotidianos escolares, buscando compreender como esses espaços “produzem a expulsão” (BENTO, 2011) e de que forma

essas pessoas enfrentam rotinas de intolerância e não aceitação da diferença obrigando-as a deixarem esses lugares ou outras vezes permanecerem. Questionar sobre suas percepções, sobre o universo escolar a partir da perspectiva singular que ocupam neste espaço, já que suas diferenças muitas vezes não são autorizadas a existir. Em qual momento resolvem deixar a escola? Quais problemas afetam seus caminhos dentro da instituição escolar? Como se dá o processo transexualizador com/na escola? Até que ponto a presença de alunas e alunos trans pode contribuir para a desconstrução de práticas heteronormativas? Apontamentos que em pesquisa e à luz das contribuições teóricas, arregimentam-se na produção e aplicação empírica para a comunidade científica, além de “nos interpelar sobre o que temos feito para combater tal contexto de grande violência” (AMARO, 2017, p.25).

Ao analisar como a escola produz formas de exclusão de alunos e alunas trans buscase também compreender quais outras formas, que não a saída efetivamente da escola, são vivenciadas, violentamente, no dia a dia desses alunos e alunas. Quer-se, também, identificar que caminhos não-violentos tem a escola oferecido à essas pessoas que fogem à norma dita normal e corroborar para a desconstrução da lógica exclusão/vulnerabilidade/violência a que esses sujeitos são submetidos. Perceber como a escola se relaciona com estes sujeitos, uma vez que nega a diferença que assumindo o discurso da igualdade pode levar ao apagamento destes sujeitos e as violências que o espaço escolar produz nestes corpos. Questionar sobre suas percepções, sobre o universo escolar a partir da perspectiva singular que ocupam neste espaço, já que suas diferenças muitas vezes não são autorizadas a existir.

A pesquisa realizada até agora aponta para a necessidade da mobilização das escolas e educadores/as contras as violências às identidades de minorias, assumindo uma postura combativa diante de contextos sexistas e heteronormativos. Muito além do que é feito pelas políticas públicas, a educação democrática pretende garantir um movimento de transformação cidadã dentro das escolas.

Palavras-chave: transexualidade, experiência, resistência, escola

REFERÊNCIAS

AMARO, Ivan **Para discutir(ainda mais) gênero e sexualidade na escola: políticas e práticas de resistências** Revista Periferia Educação, Cultura e Comunicação v.9 n.2 jul-dez 2017

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora Record, 2003.

BENTO, Berenice. **Na escola se aprende que a diferença faz a diferença**. Estudos Feministas, p. 549-559, 2011.

VEIGA-NETO, Alfredo. Espaços, tempos e disciplinas: as crianças ainda devem ir à escola? In: CANDAU, Vera Maria (Org.). Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. Textos apresentados na Endipe, 10, 2000.

_____. Foucault & a Educação. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2007a.

CÉSAR, Maria Rita de Assis. Da escola disciplinar à pedagogia do controle. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2004.



JESUS, Jaqueline Gomes de. **As guerras de pensamento não ocorrerão nas inuversidades.**
In: COLLING, Leandro. **Dissidências sexuais e de gênero.** EDUFBA, 2016

MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves. Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação. **Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012.**

MISKOLCI, Richard. A Teoria Queer e a Questão das Diferenças: por uma analítica da normalização. In: **Congresso de leitura do Brasil.** 2007. p. 1-19.

RIBEIRO, SOUZA, SANCHES; Conversas como metodologia de pesquisa por que não? **Rio de Janeiro: Ayvu, 2018**

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação.** Petrópolis: vozes, 2014.